



Licenciatura em Espanhol

Teoria da Literatura I
Ana Santana Souza
Ilane Ferreira Cavalcante



**Correntes Críticas III:
Psicanálise e correntes pós-estruturalistas**

Aula 07



GOVERNO DO BRASIL

Presidente da República
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministro da Educação
FERNANDO HADDAD

Diretor de Ensino a Distância da CAPES
JOÃO CARLOS TEATINI

Reitor do IFRN
BELCHIOR DE OLIVEIRA ROCHA

Diretor do Câmpus EaD/IFRN
ERIVALDO CABRAL

Diretora Acadêmica do Câmpus EaD/IFRN
ANA LÚCIA SARMENTO HENRIQUE

Coordenadora Geral da UAB /IFRN
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Coordenador Adjunto da UAB/IFRN
JÁSSIO PEREIRA

Coordenador do Curso a Distância
de Licenciatura em Letras-Espanhol
CARLA AGUIAR FALCÃO

TEORIA DA LITERATURA I

Aula 07

Correntes críticas III:
Psicanálise e correntes pós-
estruturalistas

Professor Pesquisador/conteudista
ANA SANTANA SOUZA
ILANE FERREIRA CAVALCANTE

Direção da Produção de
Material Didático
ARTEMILSON LIMA

Coordenadora da Produção de
Material Didático
SIMONE COSTA ANDRADE DOS SANTOS

Revisão Linguística
ELIZETH HERLEIN

Coordenação de Design Gráfico
ROSEMARY PESSOA BORGES

Diagramação
HERBART MUNIZ DE AZEVEDO JUNIOR

Ilustração
MATEUS PINHEIRO DE LIMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Joel de Albuquerque Melo Neto CRB 15/320

C837i Souza, Ana Santana.
Teoria da literatura I / Ana Santana Souza, Ilane Ferreira
Cavalcante. Natal : IFRN, 2012.
Várias paginações : il. color.

ISBN 978-85-8333-032-5

1. Teoria da literatura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3.
Literatura – Conceito. I. Cavalcante, Ilane Ferreira. II. Título.

CDU 82.0



Aula 07 Correntes Críticas III: Psicanálise e correntes pós-estruturalistas

Apresentação e Objetivos

Olá, continuamos, nesta aula, a discutir as principais correntes teóricas que construíram a história do século XX e deste início do século XXI. Nesta aula, você vai compreender os pressupostos, principais autores e conceitos da crítica psicanalítica, da estética da recepção e do desconstrucionismo, duas correntes pós-estruturalistas. Nesse caso, passamos de uma crítica amparada apenas no texto ou na sociedade, que vimos nas aulas anteriores, para uma crítica que investiga também o sujeito que escreve e o público que recebe a obra de arte.

Ao final desta aula, esperamos que você seja capaz de:

- conhecer a origem da Psicanálise, da Estética da Recepção e do Desconstrucionismo;
- diferenciar os aspectos constituintes de cada uma dessas correntes críticas;
- compreender alguns de seus principais teóricos e seus principais conceitos.



Para Começar

Que há para lá do Sonhar?

Céu baixo, grosso, cinzento
e uma luz vaga pelo ar
chama-me ao gosto de estar
reduzido ao fermento
do que em mim a levedar
é este estranho tormento
de me estar tudo a contento,
em todo o meu pensamento
ser pensar a dormir.

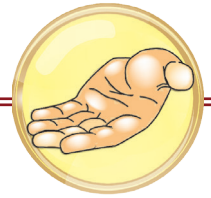
Mas que há para lá do sonhar?



Fig. 01 - Sonhar

Vergílio Ferreira, in 'Conta-Corrente 1'

No poema do poeta português Vergílio Ferreira, o eu lírico reflete sobre o sonhar e trata o sonho como reflexo de coisas interiores, que nele estão "a levedar". Esse universo interior do ser humano, a organização do seu pensamento, a forma como esse pensamento se reflete e refrata na literatura, são aspectos que serão tratados nesta aula, ao discutirmos a presença da psicanálise na análise literária. Logo depois, você terá oportunidade de refletir sobre o pós-estruturalismo, as correntes que investigam o papel do leitor para a literatura, assim como a estabilidade dos conceitos tradicionais da filosofia.



1. Crítica psicanalítica

Esta é uma teoria ainda de caráter hermenêutico e interpretativista, mas que busca, a partir do texto, encontrar um sentido que pode se originar na constituição dos personagens, na intencionalidade do autor, ou mesmo na análise dos aspectos inconscientes deixados pelo autor.

A psicanálise não é, como você deve saber, uma corrente puramente literária. Aliás, nenhuma das correntes que vimos até agora o é. Mas, a psicanálise, em especial, nasceu na área da saúde e é, na verdade, uma metodologia clínica e terapêutica. Sempre teve, no entanto, uma ligação intrínseca com a literatura, porque seu principal autor, o médico austríaco Sigmund **Freud** sempre utilizou personagens e recursos da literatura para interpretar o discurso de seus pacientes ou para exemplificar situações clínicas.

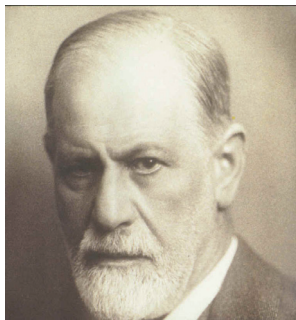


Fig. 02 - Freud

Sigmund Schlomo Freud (1856 — 1939), mais conhecido como Sigmund Freud, foi um médico neurologista judeu-austríaco, que iniciou seus estudos pela utilização da hipnose como método de tratamento para pacientes com histeria. Ao observar a melhoria de pacientes, elaborou a hipótese de que a causa da doença era psicológica, não orgânica. Essa hipótese serviu de base para seus outros conceitos.

Para saber mais: <http://www.culturabrasil.org/freud.htm>

Conceitos como “complexo de Édipo”, “narcisismo”, “masoquismo” e “sadismo” nasceram de personas literárias, personagens ou autores cuja representação ou obra levaram o psicanalista a criar princípios de interpretação de comportamentos humanos que, quando exacerbados no indivíduo, indicam sintomas de neuroses ou psicoses.

Para Bonnici e Zolin (2005, p. 206), “A literatura e sua prática sempre foram um exercício de linguagem, tanto oral como escrita, criando um espaço marginal às formas habituais da comunicação e tendo como fundamento a expressão de uma subjetividade” assim, compreendendo que o conteúdo simbólico que constitui a linguagem constitui também o humano, a psicanálise se propõe a curar pela palavra. Nesse sentido, ela parte do mesmo elemento primordial da literatura, mas faz uma crítica, na literatura, que busca o sentido último, as intenções do autor e os mecanismos simbólicos de que se pode utilizar para chegar a essa verdade.

Freud estabeleceu que o psiquismo humano se constrói através de três instâncias: o **inconsciente**, o **pré-consciente** e o **consciente**. E cada uma dessas instâncias funciona através de mecanismos de associação tais como a condensação, o deslocamento, a figurabilidade e a elaboração secundária.



Fig. 03 - imagem de sonho

O sonho, por exemplo, seria uma narrativa que se organiza a partir de associações entre eventos passados, a experiência recente e imagens dispersas na memória. Sua interpretação precisa levar em conta todos esses aspectos para poder identificar se há, nele, alguma resposta a conflitos de natureza psíquica do indivíduo, posto que "... toda produção psíquica é uma formação de compromisso entre a força do desejo e a potência censora ou de recalque do consciente" (BONNICI e ZOLIN, 2005, 207).

Freud constrói seus conceitos, portanto, a partir dos fenômenos literários e os aplica nos discursos conscientes e inconscientes de seus pacientes (relatos e sonhos, entre outros) para tentar interpretar e compreender os seus distúrbios.

Os mesmos mecanismos utilizados para analisar o sonho, portanto, poderiam, *a priori*, ser utilizados para analisar narrativas de caráter literário. As associações e os deslocamentos com os quais o sonho opera, seriam operações primordiais da linguagem identificadas por Roman Jakobson como metáforas e metonímias.

As metáforas seriam a condensação de significados em conjunto. E as metonímias, deslocamentos de um elemento para outro.

Mas, além do sonho, haveria outras formas de acesso ao inconsciente como os lapsos de língua, as falhas de memória, as confusões, as leituras equivocadas, entre outros atos falhos.

Para Freud, o que tem dominado a história humana é a necessidade de sobrevivência. Para sobreviver, o homem precisa trabalhar e, para isso, ele tem sido instado a reprimir algumas de suas tendências ao prazer e à satisfação. Essa repressão ao "princípio do prazer" em favor de um "princípio da realidade", se desequilibrada, geraria distúrbios psíquicos que podem ir das neuroses às psicoses.

Para Freud, aliás, o homem seria, em última instância, um "animal neurótico", mas essas neuroses também possibilitariam explorar o potencial de criatividade de cada um, pois, os desejos reprimidos gerariam uma necessidade que a sublimação poderia transformar em arte ou outro tipo de ação de valor social como a criação de produtos culturais.

Um dos mecanismos de repressão que funcionam na construção do sujeito se dá na passagem da infância – anárquica e agressiva – para a vida adulta – contida e regrada – é o complexo de Édipo.

O complexo de Édipo é, na teoria freudiana, o elemento que estrutura a nossa constituição como sujeitos masculinos e femininos; é o início da moral, da consciência e do direito; assim como de todas as formas de autoridade social e religiosa. “O sujeito humano que surge do processo edípico é um sujeito ‘dividido’, separado precariamente em consciente e inconsciente e o inconsciente pode ressurgir a qualquer momento para persegui-lo”. (EAGLETON, 1983, p., 169).



Fig. 04 - Édipo e a esfinge

A base mais importante da crítica psicanalítica se apoia nas teorias de Freud, seu fundador, mas há teóricos posteriores que são igualmente importantes seja por sua dissensão em relação às teorias freudianas, seja por sua tentativa de revisão dessas teorias.



Fig. 05 - Eva e a serpente

Carl G. Jung foi um discípulo dissidente de Freud que se contrapõe à ideia de ego, superego e id, propostas pelo seu mestre e cria parâmetros substitutos como mundo interior X mundo exterior, consciente X inconsciente (individual ou coletivo); persona X anima ou animus e ego-sombra.

Jung também defende a teoria dos **arquétipos**, importante ferramenta de uso da análise literária. O conceito de arquétipo nasceu, na teoria junguiana, de observações dele sobre imagens que se repetiam nas vidas inconscientes de seus pacientes. Para ele, essas imagens seriam produzidas a partir do **inconsciente coletivo**, ou seja, um conjunto de conhecimentos compartilhado por um grupo. O arquétipo seria um conceito que une psique e corpo e se realizariam, por exemplo, em comportamentos ligados a experiências básicas universais como casamento, morte, nascimento, entre outras. Na literatura, por exemplo, os arquétipos podem surgir a partir da reiteração de padrões de comportamento de personagens que remontam a um mito, ou a um personagem primitivo.

Para outro teórico da área, Jacques Lacan, o texto pode revelar as relações entre linguagem, texto e leitor. Lacan tenta reinterpretar a obra de Freud em seus *Écrits* (1966). Ele afirma, por exemplo, que o inconsciente é estruturado como uma linguagem e o eu seria uma instância de desconhecimento, de ilusão, sede do narcisismo. A criança, por exemplo, ao olhar-se no espelho, veria uma espécie de significado de si mesma (algo a que atribui significação) e ela seria o significante

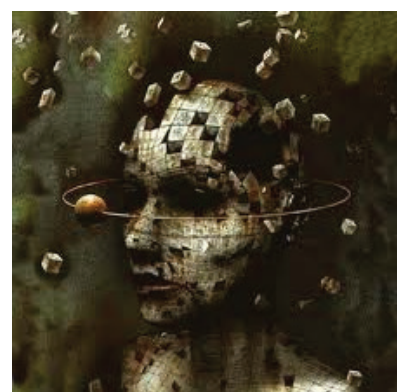
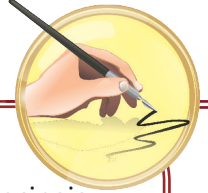


Fig. 06 - inconsciente coletivo

daquela imagem. É o que ele chama de Estado do espelho. Nesse estado, a criança, de pé, diante do espelho, alcança uma totalidade de si mesma, uma plenitude em seu reflexo. Ao apreender a linguagem, a criança começa a adquirir consciência de que as identidades se constroem a partir das diferenças, assim é que o pai surge como um elemento de exclusão. A criança não é o pai, não pode ocupar o mesmo lugar que ele, portanto sua identidade se constitui a partir daquilo que ela não é. Aceitando essa ideia, a criança entra na "ordem simbólica" da sociedade, a estrutura pré-existente de papéis sexuais e sociais. Bem, dessa forma, toda a teoria psicanalista repousaria sobre os aspectos de significação da linguagem. Para Lacan, nas palavras de Eagleton:

Movemo-nos entre substitutos de substitutos, metáforas de metáforas, jamais sendo capazes de recuperar a autoidentidade pura (embora fictícia) e a autoplenuidade que conhecemos no imaginário. Não há significação ou objeto transcendental' que satisfaça esse interminável anseio – ou, se essa realidade transcendental existe, ela é o próprio falo, o 'significante transcendental' como Lacan o chama. Na verdade, porém, ele não é nem um objeto ou realidade, nem o órgão sexual masculino real: é apenas uma vazia indicação de diferença, um signo daquilo que nos divide do imaginário e nos insere em nosso lugar predestinado dentro da ordem simbólica (EAGLETON, 1983, p. 180-181)

Esse teórico constitui o desdobramento da crítica psicanalista, sobre a qual você pode pesquisar um pouco mais. Por agora, é importante saber que a crítica psicanalítica pode se dividir em quatro tipos, dependendo daquilo que ela toma por objeto de estudo: o autor; o conteúdo; a construção formal ou o leitor. E para sua análise, ela vai utilizar os conceitos estabelecidos desde seu fundador e a partir de seus desdobramentos, seja sob os aspectos junguianos, seja sob a perspectiva lacaniana. O século XX, como pudemos ver até agora, trouxe inúmeras reviravoltas não só à vida em sociedade (guerras, revoluções, avanços científicos, entre outros), mas também mudou a perspectiva da arte. A literatura passa por uma intensa transformação, através do experimentalismo das vanguardas, a teoria da literatura também. Essas mudanças incluem a investigação acerca da essência da literatura, da sua função, da sua estrutura, da sua linguagem. As duas correntes pós-estruturalistas que você vai estudar a seguir discutem também os próprios pressupostos das correntes críticas anteriores, assim como trazem à luz da teoria personagens pouco focados em outras correntes teóricas, tais como o leitor. Mas antes de passar adiante, que tal dar uma paradinha para uma atividade?



1. Pesquise um pouco mais e apresente a sua definição dos principais conceitos que você aprendeu nesta aula, advindo das teorias de cada um dos estudiosos a seguir:

a) Freud

b) Jung

c) Lacan

2. Pós-estruturalismo e Estética da Recepção

Em 1960, no livro *Verdade e método*, o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer, opondo-se à fenomenologia de Husserl (que buscava a essência da obra de arte) e à intencionalidade do autor, proposta por Hirsh, afirma que:

O significado de uma obra literária não se esgota nunca pelas intenções de seu autor; quando a obra passa de um contexto histórico para outro, novos significados podem ser dela extraídos, e é provável que eles nunca tenham sido imaginados pelo seu autor ou pelo público contemporâneo dele. (EAGLETON, 1983, p. 77).

Para Gadamer, portanto, não há como alcançar a intenção do autor e ela não seria, também, tão relevante para a interpretação do texto, pois cada leitor, situado em uma nova sociedade, em um novo tempo histórico, vai encontrar novas possibilidades de interpretação, não necessariamente frutos da intenção do autor.

Para Gadamer, portanto, não há como alcançar a intenção do autor e ela não seria, também, tão relevante para a interpretação do texto, pois cada leitor, situado em uma nova sociedade, em um novo tempo histórico, vai encontrar novas possibilidades de interpretação, não necessariamente frutos da intenção do autor.

Gadamer chama atenção para o fato de que não há possibilidade de fazer uma leitura a-histórica, ou puramente imanente da obra literária, pois toda interpretação consiste num diálogo entre o passado e o presente. Como seria estabelecido esse



Fig. 07 - A leitora

diálogo? Provavelmente por quem lê, não é mesmo? O fato é que quando o leitor lê uma obra, ele, necessariamente, está tendo contato com o passado, pois, por mais recente que seja, o livro é anterior ao contato do leitor com ele.

Assim sendo, o leitor seria a instância capaz de estabelecer o diálogo com o passado, dando a esse passado (época em que o texto foi escrito) uma interpretação certamente pontuada por valores do presente, daquele momento em que ele lê. Assim, "seja individualmente, seja coletivamente, o leitor é a instância responsável por atribuir sentido àquilo que lê." (ZAPPONE in BONNICI e ZOLIN, 2005, p. 153-154).

É exatamente o leitor a figura que vai ser valorizada numa nova corrente teórica influenciada pela hermenêutica de Gadamer. Essa corrente vai ser chamada de Estética da Recepção e nasce na década de 60, na Alemanha, através de um grupo de estudiosos da Universidade de Konstanz, que divulgaram seus trabalhos na revista *Poetik um Hermeneutik* a partir de 1964.

A mesma corrente, em inglês, ganhou o nome de *reader-response criticism*, mas nesse caso, os teóricos não se reuniram em um grupo como na Alemanha. No entanto, há importantes nomes da crítica de língua inglesa responsáveis pela disseminação das ideias da Estética da Recepção. Críticos como Jonathan Culler, Michael Riffaterre e Stanley Fish, por exemplo.

Os principais teóricos dessa linha, no entanto, são os alemães Wolfgang Iser e Hans Robert **Jauss**. Este último, no livro *História da literatura como provocação à teoria literária* (1970), chamou atenção para a importância do leitor no ato interpretativo. Para ele, o leitor concretiza, dá sentido ao texto criado pelo autor. Dessa forma, o leitor passa a ser o principal responsável pela interpretação da obra literária.

O princípio geral da Estética da Recepção, em suas várias vertentes, é pensar a experiência de leitura como base para se pensar o fenômeno literário e a própria história da literatura. É uma estética, portanto, voltada para o leitor, dando a esse personagem, diferentes sentidos e estudando os efeitos que os textos causam nele.

Para Jauss, a qualidade ou o valor de uma obra literária não podem ser medidos ou apreciados nem só a partir da organização da sua linguagem, nem só a partir da biografia do autor, nem mesmo a



Fig. 08 - Retrato de Jauss

Hans Robert Jauss (1921 – 1997) é um filósofo alemão considerado um dos maiores expoentes da Estética da Recepção.

Para saber mais: <http://www.users.rdc.puc-rio.br/imago/site/recepcao/textos/livia2.htm>

partir da condição histórica em que surgiu. Para ele, a qualidade estética do texto surge da experiência de sua leitura, ou seja, de sua recepção, do efeito produzido pela obra em seu público e de sua fama posterior.

Jauss propõe, então, quatro teses que expõem os conceitos básicos de sua metodologia:

- **Tese 1**

A perspectiva histórica da literatura repousa na experiência dinâmica do leitor com as obras literárias. Ele evita, portanto, a visão positivista do texto literário como um marco histórico, que determina, inclusive, um período histórico. Para se contrapor a essa visão de "marco literário" preconizado pela história da literatura, ele propõe a ideia de "acontecimento literário". Assim, um livro só se torna um acontecimento literário quando é lido e, a partir da leitura, leva o leitor a adquirir novos parâmetros para avaliação de obras que venha a ler posteriormente. Assim, um texto não seria um marco, mas um ato de recepção.

- **Tese 2**



Fig. 09 - desenho Cinderela

Essa tese é, na verdade, uma resposta a prováveis críticos que possam acusar sua proposta de impressionista. Para ele, a experiência do leitor (o acontecimento literário) necessita que esse leitor possua um "saber prévio", ou seja, um conjunto de saberes (literários ou não) que faz com o que o texto seja legível para ele. São, por exemplo, alguns conhecimentos histórico-literários que são trazidos pelo leitor e evocados pelas obras. A esses conhecimentos, Jauss denomina de "horizontes de expectativa". Por exemplo, os contos de fada estabelecem sempre personagens femininas que são frágeis, ingênuas, idealistas. É

o caso de Branca de Neve, A Bela Adormecida, Cinderela e outras. Assim, ao ler, por exemplo, Cinderela, o leitor reafirma esse horizonte de perspectiva, mas ao assistir a *Shrek*, o horizonte de perspectiva do leitor é repudiado através da personagem Fiona, o que o leva a criar novos critérios de interpretação e, portanto, novos horizontes de perspectiva.

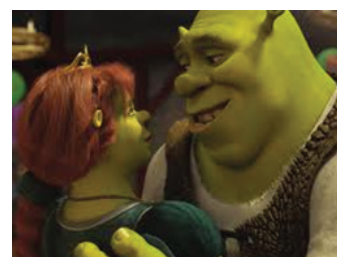


Fig. 10 - Shrek e Fiona

- **Tese 3**

Baseando-se no conceito de horizonte de expectativa, Jauss propõe a terceira tese que, de certa forma, busca conferir caráter artístico ao texto. Assim, ele propõe a ideia de "distância estética", que se caracteriza pelo afastamento ou pela não-coincidência da obra de arte ao horizonte de perspectiva do leitor.

Assim, para Jauss, se o texto literário se conforma ao horizonte de expectativa do leitor, ele seria uma arte mais ligeira, caso dos *best-sellers*, por exemplo. Quanto mais essa obra se afasta (ou não coincide) com o horizonte de expectativa do leitor, maior seria o seu caráter artístico, tornando-se um novo parâmetro ou modelo de referência. Essa noção de ajustamento e ruptura, proposto por Jauss, vale salientar, acaba por se assemelhar a uma perspectiva histórica que ele mesmo repudia.

- Tese 4



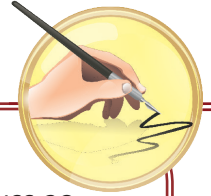
Fig. 11 - Jornal na janela

Para Jauss, a reconstrução do horizonte de expectativa de uma obra de arte é fundamental para a construção de sentido a partir de sua leitura. A essa reconstrução, ele chama de "história do efeito". Essa história do efeito traz implícita a ideia de que toda leitura, ou seja, toda interpretação de um texto, traz implícitos fatores históricos em que esses leitores estão envolvidos. Por isso seria tão complexo conseguir compreender um texto a partir de critérios de sua publicação. Um texto do século XVI, por exemplo, ao ser lido e interpretado hoje, ganha sentidos diferentes daqueles que os leitores do século XVI teriam alcançado.

Essas quatro teses iniciais de Jauss, dão margem para o desdobramento de mais três que tratarão do caráter diacrônico da história literária, do seu caráter sincrônico e da relação entre literatura e vida prática. Assim, (tese 5) para Jauss, a história literária não pode ser vista como uma sucessão de obras que tenha alcançado o ápice estético de um determinado sistema. As obras, portanto, devem ser lidas a partir da história de suas recepções (tese 6). Observadas numa perspectiva diacrônica, essa história leva em conta diversos momentos, que, se forem observados de forma sincrônica, preocupam-se com cada recepção da obra em um dado momento, relacionando essas obras a esse momento, ou seja, ao horizonte de expectativa do leitor (ou público) e sua distância estética daquele tempo histórico específico. Além disso, seria necessário estar atento aos efeitos da literatura na vida prática de seus receptores (tese 7), ou seja, seus efeitos éticos, sociais, psicológicos. A obra de arte seria, na concepção do autor, capaz de romper com a percepção comum que o leitor tem dos próprios fatos da vida cotidiana, permitindo ao leitor novos voos, novas perspectivas, desejos, objetivos, novos caminhos.

As ideias de Jauss contribuíram de forma significativa para a teoria da literatura e a Estética da Recepção abriu espaço para a ampliação do espectro dos estudos sobre literatura, saindo do texto não só em direção à história, ou à biografia do autor, mas em busca daquele para o qual o texto é feito e o principal responsável pela sua permanência: o leitor.

Essa mudança de perspectiva também é o elemento gerador de uma outra corrente pós-estruturalista que propõe a desconstrução do pensamento ocidental. Mas antes de estudá-la, dê uma paradinha e reflita sobre o que estudou até agora.



1. Reúna, em uma síntese, os principais conceitos apresentados por Jausso ao longo de suas sete teses.

3. Desconstrucionismo

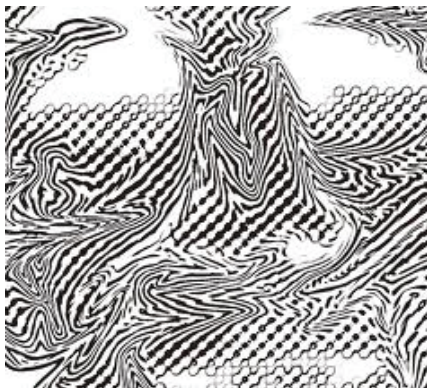


Fig. 12 - desconstrução

Você já viu, na aula sobre o estruturalismo, que toda a sua teoria se baseia na ideia da linguagem como uma estrutura, ou seja, como um todo organizado e delimitado em termos de significação. Essa organização, para Saussure, se estabelece a partir de dicotomias (significado X significante) e pares que se opõem a partir de uma diferença mínima, tais como gato X fato; fato X falo; falo X calo, por exemplo.

Dessa forma, compreende-se, sob a perspectiva do estruturalismo, que o significado é produzido a partir da diferença entre dois significantes que, por sua vez, se opõem a outros significantes, o que nos leva a concluir, como afirma Eagleton (1983, p. 138): "A significação é um subproduto de um jogo potencialmente interminável de significantes, e não um conceito firmemente ligado a um determinado significante.

A questão é que a ideia de estrutura sempre pressupõe um centro, algo fixo, e uma hierarquia de significados com uma base sólida, mas, se o jogo é potencialmente interminável, não há como existir esse centro nem essa base fixa e organizada como preconizava Saussure. Nesse jogo, "os significantes vão se transformando em significados, e vice-versa, e não chegaremos nunca a um significado final que não seja, também ele, um significante". (EAGLETON, 1983, p. 138)

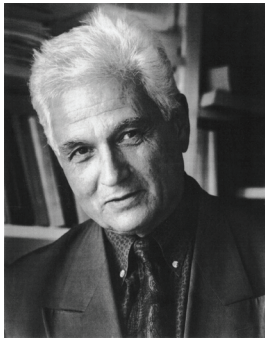


Fig. 13 - Retrato de Derrida

Jacques Derrida (1930-2004) foi um filósofo argelino, de origem judaica, que construiu uma obra imensa, com impacto em várias áreas da humanidade, tais como a filosofia do direito, a estética e a teoria da literatura. Seus livros Gramatologia (1967) e Escritura e diferença (1979) são fundamentais para compreender a teoria desconstrucionista que promulga.

Para saber mais: <http://www.rubedo.psc.br/entrevis/solivivo.htm>

Fugir a essa ideia de centro, pressupõe a criação de um conceito que o filósofo Jacques Derrida denomina de **suplemento** que não se constituirá jamais em um outro centro, já que sua função é de suplência, ou seja, sua função é a de suprir, transitoriamente, uma falta do lado do significado. Para ele, há, na escrita, aspectos que escapam a todo sistema e lógica, um oscilar constante, um derramamento de significados que ele conceitua como **disseminação**. Esse jogo de diferenças é a base da teoria do filósofo pós-estruturalista Jacques **Derrida**.

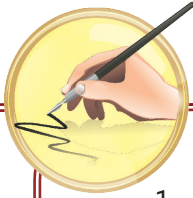
Para Derrida, os signos, como representações que são, implicam, necessariamente, em variáveis infinitas de interpretação, posto que neles não está nada em totalidade, apenas as possibilidades. Usar os signos implica, portanto, em estar aberto a possibilidades diferentes de significação que jamais serão idênticas em todas as ocasiões.

Por isso, e por acreditar que seria preciso rever os princípios que fundamentam a visão logocêntrica das teorias críticas, é que Derrida utiliza, para nomear seus estudos, o conceito de "desconstrução". Sob sua perspectiva, é preciso enfraquecer as oposições e dicotomias.

É por isso que a linguagem, na riqueza de seus diferentes significados, nas ambiguidades que tais diferenças necessariamente trazem e nos jogos de associação que eles ensejam, realiza operações tão múltiplas que jamais se poderá pensar, por exemplo, num significado fixo ou numa interpretação única para um texto. (GOULART, 2003, p. 6).

A proposta teórica do desconstrucionismo seria desmontar o texto para que viessem à tona todos os significados possíveis naquela leitura, inclusive os que não se oferecessem explicitamente ao leitor. Para isso, seria preciso compreender a linguagem como jogo, com base na ideia de que a língua é constituída por um número finito de elementos (fonemas) que se articulam a partir de combinações também determinadas em número. Essas combinações, no entanto, permitem um número infinito de possibilidades interpretativas.

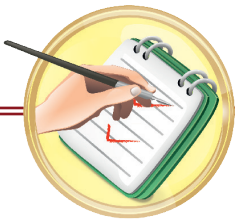
A ideia de jogo permite perceber as inúmeras possibilidades de construção de significados a partir de um número finito de combinações. Isso implica, por sua vez,



Mãos à obra

1. Leia, no material complementar, o texto de Audemaro Goular e faça um resumo dos principais conceitos de Derrida expostos a seguir:

- *Différance*
- Suplemento
- Jogo
- *Renversement*
- A escritura e *Pharmakon*

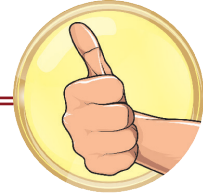


Autoavaliação

Antoine de Compagnon, em seu livro *O demônio da teoria* (2010), divide as correntes teóricas da literatura entre textualistas e contextualistas. Ou seja, aquelas preocupadas com o estudo do texto, puramente e aquelas que levam em consideração, no estudo do texto, elementos externos a ele. Pensando nessa divisão e com base no estudo que você fez das correntes críticas até esta aula, que correntes, das listadas abaixo, você consideraria contextualistas e que correntes você consideraria textualistas? Justifique a sua resposta.

- Semiótica
- Crítica sociológica
- New criticism
- Desconstrucionismo

Já sei!



Nesta aula, você estudou os conceitos da psicanálise que interferem nos estudos literários, tais como o conceito de arquétipo, por exemplo. Assim como os conceitos psicanalíticos que se originam dos mitos e de sua representação literária, caso do complexo de Édipo. Além disso, você conheceu duas importantes correntes teóricas pós-estruturalistas: a Estética da recepção e o desconstrucionismo, assim como tomou contato com alguns de seus conceitos mais significativos para os estudos da literatura hoje em dia.

Um passo a mais



Leia mais acerca da estética da recepção e das teorias pós-estruturalistas no livro do teórico inglês Terry Eagleton, um manual indispensável de introdução à teoria da literatura.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Referências



EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

GOULAR, Audemaro Taranto. **Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida**. Belo Horizonte: PucMinas, 2003.

JAUSS, Hans Robert. **História da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

Zappone, MIRIAM HISAE YAEGASHI. Estética da Recepção. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Ozana. (Org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2005.

Fonte das figuras

Fig. 01 - <http://blogdoseleitos.blogspot.com/2011/11/deus-nao-pode-sonhar.html>

Fig. 02 - http://3.bp.blogspot.com/-tzt-LRHW_DU/TeppKsdJuI/AAAAAAAAAKU/4wtT4LfPz7g/s1600/Freud_1.jpg

Fig. 03 - <http://static.minilua.com/wp-content/uploads/2010/04/sonho.jpg>

Fig. 04 - <http://www.ffmpeg.usp.br/dh/heros/personas/edipo/iconografia/realeza/esfinge.html>

Fig. 05 - <http://renatomeneses.blogspot.com/2009/07/papo-de-serpente.html>

Fig. 06 - <http://lexologia.blogspot.com/>

Fig. 07 - <http://ced06segundos.blogspot.com/2008/08/estudos-3-bimestre.html>

Fig. 08 - <http://rmlite.blogspot.com.br/2011/09/hora-e-vez-do-leitor.html>

Fig. 09 - <http://lauraprincesas.blogspot.com.br/2008/11/cinderela.html>

Fig. 10 - <http://entretenimento.r7.com/cinema/noticias/conheca-a-historia-de-shrek-para-sempre-em-dez-fotos-20100710.html>

Fig. 11 - http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0103-99892003000400023&script=sci_arttext

Fig. 12 - <http://mgbon.blogspot.com/2006/06/desconstruo.html>

Fig. 13 - <http://projetocartografia.blogspot.com/2010/06/ii-jornada-jacques-derrida.html>

Fig. 14 - http://havidaemmarta.blogspot.com/2009_04_01_archive.html